

Pacientes sofrem com falta de leitos



Área de politraumatizados é uma das mais procuradas no Hospital de Base

Metade dos pacientes que precisam de internação não encontra vaga nos hospitais públicos.

A Secretaria de Saúde deveria ter quatro leitos para cada mil habitantes. Tem apenas 2,3 leitos.

“Se tem vaga, interna. Se não tiver vaga, é uma maca a mais. Se não tiver maca, fica no corredor”, ensina o gastroenterologista Dênis Brandão, do Hospital de Base.

O desempregado Francisco Juvenal Rodrigues, 35 anos, é um personagem dessa lógica do caos. Durante duas horas, podia ser visto pulando com apenas um pé pelos corredores do Hospital de Base.

O outro pé, muito inchado, não podia sustentava o corpo magro e suado do ex-servente. “Estou aqui esperando um leito”, diz.

Social — Para o chefe de equipe do Hospital Regional da Asa Norte (Hran), Itamar Batista, o problema é social: “A pobreza tem reflexos na saúde. Às vezes, damos alta a um paciente e ele não tem para onde ir”.

Esse é o caso do aposentado Adão José Souza, 62 anos, antigo conhecido da emergência do Hran. Ele passou os últimos 30 anos de sua vida entre o hospital e a rua.

“Eu não posso andar por causa de um problema cardiovascular. Mas não tenho onde morar. Saio, ando, pioro e acabo voltando”, resume.

No interior do Brasil, o sistema municipal de saúde muitas vezes se resume a uma ambulância. Por isso, Antônio da Silva, a Tonha, veio de Canápolis (BA) para Brasília.

Seu destino normal seria o Hospital da Asa Norte ou o de Base, mas preferiu Sobradinho.

Não conseguiu ser internada em Sobradinho. Foi tentar em Goiânia.

De Canápolis para Brasília são 930 quilômetros, 14 horas de viagem. A prefeitura cede a ambulância e o motorista.

Tonha veio com o marido, o motorista e uma amiga. As quatro pessoas se apertaram no carro onde só cabe motorista, enfermeiro e o doente.

O problema de Tonha é rejeição aos pontos após uma cirurgia de bexiga. Como em Canápolis não há tratamento, ela veio tentar a sorte em Brasília.

Fotos: Carlos Eduardo



Adão: doente cardíaco e sem ter onde morar, passa os últimos anos entre o Hospital Regional da Asa Norte e as ruas